Digitalizado pela Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
Disponível em http://www.etnolinguistica.org/index:edelweiss

FREDERICO G. EDELWEISS

ESTUDOS TUPIS E TUPI-GUARANIS

CONFRONTOS E REVISÕES

LIVRARIA BRASILIANA EDITÔRA
RIO DE JANEIRO
1969

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://biblio.etnolinguistica.org

V

O "CADERNO DA LÍNGUA" DE FREI JOÃO DE ARRONCHES

Em 1934, Plinio Ayrosa iniciou a publicação valiosa de antigos vocabulários tupis com a impressão do Dicionário Português-Brasiliano e Brasiliano-Português(1).

Como era novato nesses estudos, editou o que havia achado, restringindo ao mínimo as notas pessoais, evitando mesmo correções de evidentes erros de cópia ou impressão.

O prefácio é um estudo ponderado, que hoje ainda pode ser subscrito, após retoques mínimos pelo mais exigente tupinista, no que diz respeito à reimpressão da primeira parte, ao *Dpb*.

Infelizmente, não podemos dizer o mesmo do *Caderno da Língua* organizado por frei *João de Arronches*(2), ou pertencente a êle.

Ayrosa já se julgava então uma autoridade no assunto e meteu-se a sobrecarregar o original de notas comparativas e comentários prolixos, muitos dos quais repudiaria pouco depois, ao tomar conhecimento do vocabulário tupi dos jesuítas, o *Vlb*.(3)

A mesma afoiteza notamos nas apreciações prefaciais à obra. Transcrevamos apenas uma amostra:

"Mas, o vocabulário em si será da autoria de frei Arronches? .....
Cremos firmemente que não; cremos que o *Caderno* não é mais que uma cópia resumida do *Dicionário Brasiliano* (o *Dpb*.) de frei Onofre".

(1) — *Revista do Museu Paulista;* tomo 18; São Paulo, 1934.
(2) — *Ibidem;* tomo 21; São Paulo, 1937. — A separata é datada de 1935.
(3) — Publicado por Ayrosa em 1938, felizmente sem comentários no texto.

E, por aí se estende em querer provar que todos os vocabulários, inclusive os do brasiliano, são extratos defeituosos do vocabulário jesuítico, o que absolutamente não é verdade. Nem o *Dpb*. é cópia do *Vlb*., nem mesmo o *Caderno da Língua* (*Cl*.) é cópia do *Dpb*. embora o seu autor o deve ter tido à vista, já acabado ou em esbôço, ao elaborar o *Cl*. pelo que se deduz de certas definições e indícios outros.

É fácil destacarmos e mesmo seriarmos os verbetes, que inegàvelmente são originais e não podem ter sido extraídos do *Dpb*. por motivos vários. Além disso são bem visíveis determinadas diferenças dialetais entre o *Dpb*. e o *Cl*.

Vejamos alguns dêles colhidos tão sòmente na letra *A*.

1.º — Muitos dos verbetes arrolados no *Cl*. não figuram no *Dpb*. ou não lhe correspondem à tradução. Por exemplo:

Abóbora,	alfinete,
abotoar,	aparato,
aconselhar-se,	apêrto (aflição),
acontecimento,	hábito de frade(4)
afeminar,	perigo(5),
agouro,	sono(6),
alarve,	etc. etc.

2.º — Alguns correspondentes têm cunho mais chegado ao tupi antigo no *Cl*. do que no *Dpb*, o que não exclui o inverso, mas apenas diferencia os dois. Compare os têrmos seguintes:

abastado,	agasalhar,
abarrotar,	aguas mortas,
abelha,	aldeia velha,
abelha negra,	etc. etc.

3.º — Há verbetes de tradução diferente, como:

abraçar,	apertar a mão,
acalentar,	aprovar,
alho,	bôca da noite,
	etc. etc.

Além dessas divergências respigadas, como dissemos, tão sòmente na letra *A* e que dali mesmo poderiam ter sido acrescidas de outras, diversos lusismos do *Dpb*. e *Dbp*. da *Pm*. ainda são representados por têrmos tupis no *Cl*.

(4) — Grafado *ábito de frade* no *Cl;* não está no *Dpb*.
(5) — Ocorre no verbete *apêrto*.
(6) — Tirado do verbete *acordar*.

Por exemplo: cunhado,
custódia, vigia,
funil,
lençol (lançol),
martelo,
panela,
etc. etc.

Também avultam umas tantas discordâncias fonéticas.

Em muitos vocábulos do *Cl.* temos um *u*, onde no *Dpb.* se encontra um *y*, enquanto o inverso é mais raro(7).

Dpb.	*Cl.*	*Português*
cambyçara	— cambuçara	— a que amamenta;
cepy	— cepy, cepú	— preço;
cetymâ	— cetumá	— perna;
coyr	— coúr	— agora;
etapuá	— itá pyá	— prego;
jenepyám	— cenapuá, jenepyá	— joelho;
kevîra	— kibura	— irmão (de m.);
memby	— mimbú	— gaita;
membyra	— membura	— filho (de m.);
moçapyr	— moçapir, moçapur	— três;
nheeng pitá pitá	— nheenga putá putá	— gaguejar;
tapya	— tapua	— gentio;
tugûî	— çuguú	— sangue;
ubytyra	— ybytura	— monte;
yba	— uba	— mastro;

e muitos outros.

Outra feição peculiar do *Cl.* comparado com o *Dpb.* temos na predominância da forma *açu* para *grande*, ao lado de alguns *oaçu*, enquanto os raros *oçu* tão só aparecem como duplicação do seu correspondente *açu*.

Eis alguns exemplos mais correntes:

Dpb.	*Cl.*	*Português*
corumim oçu	— coromim oaçu	— moço;
jecuacû oçû	— jecuacuba açú	— quaresma;
kiceguaçû	— kicé açú, kicé oçú	— facão;

(7) — O metaplasmo de $y > u$ já se verifica nos compêndios tupis. Acentuou-se com o tempo em algumas regiões, como vemos no *Cl.*

Dpb.	*Cl.*	*Português*
mocaba oçû	— mocaba açú	— peça de artilharia
morobixaba oçû	— moroxaba açú (oçú)	— general;
mutuú oçû	— mutuú açú	— páscoa;
paraná oçû	— paraná açú	— mar largo;
tatá oçû	— tatá oaçú	— fogueira;
tembiû oçû	— mbaeú açú	— banquete;
ybytû oçû	— ybetú açú	— pé de vento;

etc. etc.

Se juntarmos a essas duas tendências, que acabamos de apontar, as numerosas divergências outras, algumas das quais um estudioso competente ainda desdobrará em séries, estaremos por certo imunes ao cômodo vêzo de suspeitar meros extratos, ou transcrições, em tudo onde existe analogia mais ou menos acentuada e muito natural em léxicos de dialetos afins.

Em resumo, o confronto atento entre o *Dpb.* e o *Cl.* sugere a sua confecção em áreas diferentes do Norte.

Da nossa lista comparativa(8) apenas 105 dos 184 verbetes figuram no *Cl.*

Destas 105 formas léxicas, sòmente
14 se encontram no *Vlb;*
42 no *Vpb.*
54 no *Dpb.* e *Dbp.* da *Pm.* enquanto
42 delas não figuram em nenhum dos três vocabulários.

Êsses números falam por si.

A outra ilação nos leva o desenvolvimento histórico das formas *gûasú, usú,* que no nheengatu se reduziram a *asú,* forma que ainda é raríssima no *Dpb,* mas já prepondera no *Cl.*

Lingüìsticamente o *Cl.* é, pois, algo mais moderno do que o *Dpb.*

Tornaremos à cronologia brasiliana no fim do capítulo dedicado aos manuscritos para uma coordenação final.

Terminemos com uma ressalva.

As diferenças que apontamos visam principalmente a demonstrar que o *Cl.* não pode ser mera cópia do *Dpb,* como pensou Ayrosa.

Em suas linhas gerais ambos se confundem.

(8) — Veja o capítulo "Estudos comparativos do *Vlb.* com o *Vpb.* e o *Dpb.* com o seu reverso original reproduzido na Poranduba Maranhense".